



## O COMÉRCIO DAS CORRIDAS DE CAVALO EM UMA CIDADE DO INTERIOR DE MINAS GERAIS, 1898-1916

HORSE RACING TRADE IN A COUNTRY TOWN OF MINAS GERAIS, 1898-1916

Daniel Venâncio de Oliveira Amaral<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo, tomando como objeto de estudo a cidade de Oliveira, situada no Oeste mineiro, descreve e interpreta duas tentativas de introdução das corridas de cavalos no meio local, quais sejam, os páreos promovidos pelo *Jockey Club Oliverense* entre os meses de maio e junho de 1898, e os páreos promovidos por um grupo de fazendeiros e investidores nos dois meses finais de 1915 e primeira metade de 1916. Mais precisamente, a pesquisa buscou investigar, entre outras coisas, as circunstâncias econômicas que favoreceram ou dificultaram a oferta comercial das corridas, a participação do turfe nos processos de fomento ao agronegócio, e os usos deste esporte para alinhar redes de contatos e de negócios entre pecuaristas e agricultores da região.

**Palavras-chave:** história; lazer; turfe.

### ABSTRACT

Having as study object the city of Oliveira, located in Western Minas Gerais state, this paper describes and interprets two attempts to introduce horse racing locally, i.e., the races promoted by *Jockey Club Oliverense* between May and June 1898, and the races promoted by a group of farmers and investors between the two last months of 1915 and the first half of 1916. More precisely, the research intended to investigate, among other things, the economic circumstances that favored or hampered the trade offer of races, the participation of turf in agribusiness promotion processes and the uses made of this sport to outline the contact and business networks among cattle breeders and farmers of the region.

**Keywords:** history; leisure; horse racing.

### INTRODUÇÃO

O turfe foi uma das principais atividades esportivas desenvolvidas no Brasil no final do século 19 e início do 20, tendo se espreado por diversas regiões do território nacional (MELO, 2000; GAMBETA, 2015; SILVA, 2015; CORRÊA, 2017; SOUZA, 2017). Em Minas Gerais, a despeito da modalidade ter sido praticada e assistida na capital Belo Horizonte e em outras localidades do interior, a exemplo de Barbacena, Juiz de Fora, Ouro Fino, Ouro Preto, Patos de Minas, Queluz de Minas, Sabará e Uberaba (O CONTEMPORÂNEO, 24 de agosto de 1890, p. 3; O PHAROL, 17 de julho de 1892, p. 1; GAZETA DE OURO FINO, 9 de

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em História pela Universidade Federal de São João del-Rei. Professor contratado do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Montes Claros, campus Januária. É membro do Grupo de Pesquisa em História do Lazer da UFMG. E-mail: dvoamaral@gmail.com



setembro de 1894, p. 2; ESTADO DE MINAS, 5 de dezembro de 1894, p. 4; O TRABALHO, 12 de maio de 1907, p. 3; GAZETA DE QUELUZ, 22 de agosto de 1909, p. 1), são poucas as produções acadêmicas que, com maior ou menor aprofundamento, tratam da organização e da oferta comercial das corridas de cavalo (RODRIGUES, 2006; NETO, 2017; SILVA, 2018; DIAS, *et. al.*, 2020). Esse baixo interesse da historiografia mineira em investigar o turfe talvez seja resultado de duas situações em especial. A primeira é a existência efêmera dos páreos turfísticos na maioria das cidades com algum tipo de investigação sobre clubes, corridas e hipódromos. Já a segunda diz respeito a rápida popularidade de outros esportes, como é o caso do futebol que, já na década de 1910, havia avassalado todas as atenções.

Segundo dados oficiais, dos 318 clubes esportivos recenseados pelos agentes da estatística estadual em 1921, aproximadamente 74% traziam em sua nomenclatura o termo “foot-ball”, porcentagem que talvez seja ainda maior, visto que outros 24% dos clubes traziam as nomenclaturas “sport”, “sportivo”, “sportiva”, “desportivo”, “desportiva”, “athletico”, “athletica”, “athletic” ou apenas “club” que também foram adotadas por clubes de futebol. Neste mesmo ano, apenas um clube foi recenseado trazendo na sua nomenclatura o termo “jockey”, mais precisamente, a *Sociedade Jockey Club* da cidade de Uberaba (MINAS GERAIS, 1926, v. 5, p. 431-442). Assim, diante de um quadro de efemeridade dos páreos turfísticos, bem como de rápida popularização do futebol, as pesquisas históricas sobre os esportes em Minas Gerais visivelmente privilegiam o jogo bretão (RIBEIRO, 2007; MORORÓ, 2012; SILVA, 2013; DIAS, *et. al.*, 2014; LIMA, 2014; KANITZ, 2017; AMARAL, 2017; AMARAL; COUTO, 2019), ao passo que o turfe tem sido marginalmente estudado ou às vezes até mesmo totalmente negligenciado.

Nessa direção, buscando contribuir para o preenchimento das lacunas que envolvem aspectos históricos da organização clubística e empresarial do turfe em Minas Gerais, este artigo, tomando como objeto de estudo a cidade de Oliveira, situada no Oeste mineiro, descreve e interpreta duas tentativas de introdução das corridas de cavalos no meio local, quais sejam, os páreos promovidos pelo *Jockey Club Oliverense* entre os meses de maio e junho de 1898, e os páreos promovidos por um grupo de fazendeiros e investidores nos dois meses finais de 1915 e primeira metade de 1916. Mais precisamente, a pesquisa buscou investigar, entre outras coisas, as circunstâncias econômicas que favoreceram ou dificultaram a oferta comercial das corridas, a participação do turfe nos processos de fomento ao agronegócio, e os usos deste esporte para alinhar redes de contatos e de negócios entre pecuaristas e agricultores da região.



A principal fonte desta pesquisa foi o jornal *Gazeta de Minas*, publicado em Oliveira e disponível no acervo digital do próprio editorial.<sup>2</sup> O jornal foi fundado inicialmente com nome *Gazeta de Oliveira*, em setembro de 1887, pelo português Antônio Fernal. Em 1899, já com periodicidade semanal, circulando sempre aos domingos, foi renomeado para *Gazeta de Minas*. A mudança expressava claramente o novo horizonte de expectativas do periódico que passou a se declarar como “o jornal de maior formato e circulação de Minas Gerais” (GAZETA DE MINAS, 1 de janeiro de 1899, p. 1). Tanto pelas suas características quanto pela sua abundância, essas fontes constituem ricos registros de diversos aspectos da vida cotidiana de Oliveira e dos seus distritos e municípios circunvizinhos naquele período. Adicionalmente, com vistas a ampliar o arcabouço documental da pesquisa, foram consultados também documentos oficiais, tais como censos demográficos, econômicos e sociais ou ainda questionários agrícolas produzidos por agentes da estatística estadual e disponíveis no acervo digital da Biblioteca do Ministério da Fazenda.<sup>3</sup>

#### “A COISA DEU NO GOSTO DO POVINHO”

No dia 15 de maio de 1898, a imprensa de Oliveira anunciou a corrida inaugural do *Jockey Club Oliveirense*, cujo programa de estreia contaria com a disputa de nove cavalos, divididos em três páreos (GAZETA DE OLIVEIRA, 15 de maio de 1898, p. 1). A organização do clube foi empreendida pelo capitalista carioca José Barbosa de Miranda, que se estabeleceu na sede da cidade no início da década de 1890, para gerir uma pequena fábrica de destilação de bebidas alcóolicas (GAZETA DE OLIVEIRA, 8 de outubro de 1893, p. 1).

A chegada do Mirandão, como era chamado na imprensa, ocorreu no momento em que Oliveira recebia os ramais da Estrada de Ferro Oeste de Minas, que ligava algumas localidades mineiras ao Rio de Janeiro, maior e principal centro consumidor do país no período. A nova ferrovia chegava com promessa de transformar à acanhada cidade de apenas 4 mil moradores, em um “importante centro de negócios”.<sup>4</sup> Essa “ideologia do progresso” que apontava para a inauguração de ferrovias como agentes inequívocos de desenvolvimento (BATISTAS; BARBOSA; GODOY, 2012), parece ter aflorado as expectativas dos investidores locais.

No setor pecuário, em razão das facilidades proporcionadas pelos trens adaptados para o transporte de animais, ocorreu, inicialmente, conforme disseram os registros de

---

<sup>2</sup> Link para acesso: [Acervo Digital Histórico | Gazeta de Minas](#)

<sup>3</sup> Link para acesso: [Memória Estatística do Brasil \(memoria.org.br\)](#)

<sup>4</sup> A primeira locomotiva da Estrada de Ferro Oeste de Minas chegou na cidade de Oliveira no dia 18 de junho de 1888 (GAZETA DE OLIVEIRA, 24 de junho de 1888, p. 1).



jornais, um crescimento das exportações de gado para as feiras cariocas.<sup>5</sup> No comércio urbano, alguns novos serviços e estabelecimentos foram inaugurados, com destaque para o Hotel Central (1889), o Sanatório Oliveirense (1890), o Empório Oliveirense (1893), a Manufatura Nacional de Móveis (1894), e as fábricas de cerveja Oliveirense (1890) e D'Oeste (1893) (GAZETA DE OLIVEIRA, 6 de janeiro de 1889, p. 2; GAZETA DE OLIVEIRA, 19 de outubro de 1890, p. 1; GAZETA DE OLIVEIRA, 22 de julho de 1893, p. 4; GAZETA DE OLIVEIRA, 5 de agosto de 1894, p. 3; GAZETA DE OLIVEIRA, 2 de novembro de 1890, p. 1; GAZETA DE OLIVEIRA, 16 de abril de 1893, p. 4). É neste contexto que Mirandão, diante do novo leque de oportunidades, passou a atuar não apenas na fábrica de destilação, como também intermediando a exportação de *gado vacuum* para o Rio de Janeiro, além de ter implementado o armazém Miranda & Miranda (1893), a Panificadora Miranda & Miranda (1895) e o *Jockey Club Oliveirense* (1898) (GAZETA DE OLIVEIRA, 20 de janeiro de 1895, p. 3; GAZETA DE OLIVEIRA, 28 de outubro de 1894, p. 4; GAZETA DE OLIVEIRA, 5 de maio de 1895, p. 3; GAZETA DE OLIVEIRA, 15 de maio de 1898, p. 1).

Na primeira corrida de cavalos, segundo os jornais da cidade, apinhou-se um “enorme concurso de povo avido de ver e admirar um divertimento novo” (GAZETA DE OLIVEIRA, 22 de maio de 1898, p. 1). Não parece ter havido cobrança de ingressos, pois não existia na cidade um hipódromo cercado que limitasse o acesso apenas as pessoas que tivessem comprado entradas. Ao invés disso, as corridas foram improvisadas no Largo do Cruzeiro, maior e principal praça do centro de Oliveira. Na falta de um espaço fechado, é possível especular que o principal interesse comercial do organizador estivesse na venda de bilhetes de apostas, visto que uma casa de poules foi edificada (GAZETA DE OLIVEIRA, 15 de maio de 1898, p. 4). Em várias partes do Brasil onde o turfe se desenvolveu no final do século 19, a venda de bilhetes de apostas foi uma importante característica da modalidade (cf. MELO, 2000; GAMBETA, 2015; SOUZA, 2017).

Após o evento inaugural, três novas corridas foram organizadas no final daquele mesmo mês de maio. O número de páreos aumentou de três para quatro, o que também ampliava as oportunidades de apostas e das respectivas vendas de bilhetes (GAZETA DE OLIVEIRA, 29 de maio de 1898, p. 1). Cronistas diziam que o clube de corridas estava “na ponta, na culminância”. Conforme relatou um deles, “a coisa deu no gosto do povinho e isso o que se vê todo domingo” (GAZETA DE OLIVEIRA, 12 de junho de 1898, p. 1). A escolha do domingo ou dos dias santos para a realização dos páreos turfísticos se deve ao fato de ser, nestes dias, que as populações dos diversos povoados rurais que compunham o

---

<sup>5</sup> A primeira boiada partiu da estação de Oliveira no dia 6 de fevereiro de 1889. Entre 1892 e 1897, a imprensa de Oliveira registrou um volume médio anual de 30 mil cabeças de gado (GAZETA DE OLIVEIRA, 10 de fevereiro de 1889, p. 2; GAZETA DE OLIVEIRA, 8 de maio de 1892, p. 1; GAZETA DE OLIVEIRA, 24 de abril de 1898, p. 1).



território de Oliveira, a exemplo de Areão dos Faleiros, Barreiros, Fradique, Martins, Matinha, Picaria e Silveiras (MINAS GERAIS, 1926, v. III, p. 636), se dirigiam para a sede citadina por ocasião das celebrações católicas. Tal como foi observado pelo historiador Alexandre Cunha (2009, p. 11), tomando por base os registros de viajantes que percorrem Minas Gerais no século 19, vida urbana, efetivamente, seria algo próprio do fim de semana, sendo que ao longo da semana esses espaços eram, via de regra, “extremamente vazios”.

A primeira série de quatro corridas do *Jockey Club Oliveirense*, recebeu, em todos os páreos, “muita animação e concorrência”. Segundo um cronista anônimo, o clube de corridas havia chegado para cortar a “monotonia das tardes dos domingos e dias santos” (GAZETA DE OLIVEIRA, 15 de maio de 1898, p. 1). Esse tipo de queixa que se referia a sede de Oliveira como um lugar “monótono” era recorrentemente veiculado na imprensa. Em outubro de 1900, um cronista com o pseudônimo de Itagacheles chegou a dizer que “é tal a falta de diversões que há por aqui, que vivemos em uma tristeza quase igual a de um candidato derrotado” (GAZETA DE MINAS, 14 de outubro de 1900, p. 1).

Tal quadro de monotonia parecia ser, na verdade, uma frustração dos grupos letrados com a falta de oportunidades de lazer entendidas como mais sofisticadas e em conformidade com os principais centros do Brasil e da Europa.<sup>6</sup> Diferente das afirmações da historiadora Regina Horta (2018, p. 143) de que, no século 19, as cidades mineiras não tinham muitas opções de diversão, um rico calendário festivo, segundo foi narrado no compendio de citações de viajantes estrangeiros, coordenado por Léa Freitas Perez (2018), proporcionava um horizonte buliçoso de momentos de lazer. Em Oliveira, festas religiosas, cívicas e domiciliares, jogo da malha, tabernas ou ainda caçadas, eram algumas das diversões mais tradicionais negligenciadas por cronistas da imprensa que, claramente, desejavam um novo e moderno repertório lúdico.

No bojo dessa expectativa imaginária de progresso comportamental, Mirandão trazia do centro fluminense as experiências de uma atmosfera urbana que capitalizava, de forma privilegiada, um comércio lúdico inovador e em sintonia com o mundo europeu.<sup>7</sup> Sua atuação no setor do entretenimento não se resumiu na introdução do turfe. Nos festejos do carnaval de 1894, o capitalista carioca organizou, em Oliveira, os primeiros desfiles de carnaval, trazendo inclusive artistas do Rio de Janeiro para a confecção de carros alegóricos (GAZETA DE OLIVEIRA, 11 de fevereiro de 1894, p. 1). O novo carnaval, alinhado aos modernos festejos com alegorias e bailes de mascarados que se solidificavam no Rio e em outras cidades do Brasil naquele momento visava, entre outras coisas, substituir o que era

---

<sup>6</sup> Para uma discussão acerca desses desejos de grupos das elites do interior do Brasil por práticas de lazer entendidas como modernas, ver AMARAL; DIAS, 2017; CORRÊA, 2017.

<sup>7</sup> Sobre o comércio lúdico no Rio de Janeiro, ver MARTINS, 2014; DIAS, 2018.



chamado na imprensa de “incivilizado festejo do entrudo”, uma brincadeira tradicional que consistia em molhar os adversários atirando limões de cheiro, água, ovos ou farinha.<sup>8</sup>

Em virtude dessa participação ativa no fomento de práticas de lazer inteiramente de acordo com os preceitos sociais que presidiam ações mentalidades de vários grupos de elite da época, Mirandão recebeu, em abril de 1898, uma manifestação de “gratidão” feita por jornalistas, por conseguir tirar a população oliveirense, segundo foi noticiado, “da monotonia própria das cidades pouco movimentadas, oferecendo divertimentos do labutar constante de todos os dias” (GAZETA DE OLIVEIRA, 17 de abril de 1898, p. 1). Nesses termos, as iniciativas culturais do Mirandão passavam a servir, em um só tempo, como recurso econômico e de sofisticação comportamental, explorando comercialmente atividades lúdicas inovadoras, ao mesmo tempo em que integrava a cidade nas redes de fruições de hábitos cotidianos suspostamente modernos, civilizados e de bom gosto.

Os eventos de turfe do *Jockey Club Oliveirense* pareciam promissores. Porém, na abertura da segunda temporada, que teve início no primeiro final de semana de junho, as corridas ocorrem “sem a animação de costume” e os páreos foram reduzidos de quatro para dois. No final da semana seguinte a redução dos páreos se repetiu, o que acabou sendo as últimas corridas (GAZETA DE OLIVEIRA, 12 de junho de 1898, p. 1). Segundo um cronista local, a justificativa principal para a dissolução dos páreos de turfe era: “as corridas não tinham adversários, ou se tinham eram em número muito reduzido” (GAZETA DE OLIVEIRA, 7 de agosto de 1898, p. 1).

As circunstâncias econômicas que cercavam Mirandão ajudam a explicar o insucesso do seu empreendimento. A partir do ano de 1897, o movimento de exportação de gado que recebeu um impulso com a inauguração dos ramais da ferrovia, sofreu uma retração ocasionada, principalmente, pela diminuição do consumo de carne no Rio de Janeiro. Essa retração se prolongou até o ano de 1900, sendo contabilizados, nesse intervalo de tempo, um recuo de 32% do comércio de gado de Oliveira com as feiras cariocas (GAZETA DE MINAS, 13 de janeiro de 1901, p. 1). Nas propriedades agrícolas,<sup>9</sup> em sentido parecido, o fim da escravidão e as consequentes dificuldades iniciais dos agricultores para se adaptarem ao sistema de trabalho livre parecem ter desarticulado as plantações e a cidade, antes autossuficiente, passou a importar gêneros básicos de alimentação (GAZETA DE OLIVEIRA, 22 de novembro de 1896, p. 2). Em 1899, cronistas

---

<sup>8</sup> Para uma síntese sobre o movimento de substituição do entrudo pelo carnaval moderno no Brasil, e mais detalhadamente em Minas Gerais, ver ARAÚJO, 2008.

<sup>9</sup> Além do comércio de gado com o Rio de Janeiro, o município de Oliveira produzia também toucinho, queijos, doces, açúcar e tecidos para abastecer nucleações vizinhas, e alguns gêneros para o abastecimento local, tais como aguardente, fumo, licores, café, arroz, milho, mandioca e batata (GAZETA DE OLIVEIRA, 5 de fevereiro de 1888, p. 1; GAZETA DE OLIVEIRA, 11 de março de 1888, p. 1).



da imprensa lamentando o estado de “decadência da lavoura” e a “desvalorização do gado”, diziam que os moradores de Oliveira corriam das casas de comércio como o “diabo da cruz” (GAZETA DE MINAS, 29 de janeiro de 1899, p. 2).

É no escopo dessas conjunções adversas que uma onda de falências afetou vários dos novos empreendimentos urbanos da cidade. Artigos de jornais passaram a falar de uma diminuição do movimento de pessoas na sede urbana, onde, conforme denúncias, nos finais de semana, após as obrigações religiosas (com exceção dos dias de festas de santos católicos), a cidade ficava “mais deserta que os carros da Oeste” (GAZETA DE MINAS, 14 de outubro de 1900, p. 1). Diante de um cenário em que, segundo um cronista anônimo, “não há dinheiro, pois não há onde se faça” (GAZETA DE MINAS, 29 de janeiro de 1899, p. 2), Mirandão parece ter sido desestimulado de realizar investimentos financeiros para uma melhor estruturação e diversificação dos páreos. Na medida em que as corridas deixavam de ser uma novidade e os páreos foram se repetindo ou mesmo diminuindo, o público gradativamente foi arrefecendo. O *Jockey Club Oliveirense*, acompanhando o destino de várias outras iniciativas comerciais, com menos de dois meses de funcionamento, findou suas atividades.

Em setembro de 1915, o turfe reapareceu com uma nova iniciativa comercial levada adiante pelo médico Alexandre Justiniano Chagas, formado em medicina na capital carioca em março de 1907, tendo montado seu consultório médico na sede de Oliveira nessa mesma época (GAZETA DE MINAS, 21 de maio de 1916, p. 1). Os trabalhos de organização dos páreos e a construção de um hipódromo para sediar as corridas contou com o apoio de um grupo de agricultores e pecuaristas do município, dentre os quais, Olinto Dinis e Afonso Lobato, do distrito de Carmo de Mata, Acácio Ribeiro, do distrito de São Francisco de Paula, e Orosimbo Ribeiro, da cidade de Oliveira (GAZETA DE MINAS, 3 de outubro de 1915, p. 1; GAZETA DE MINAS, 7 de novembro de 1915, p. 1).

Diferente do cenário de retração econômica dos anos finais do século 19, que dificultou a manutenção do *Jockey Club Oliveirense*, a realidade produtiva vivida por Oliveira naquele momento era mais favorável para empreendimentos dessa natureza. No setor pecuário, com um novo aquecimento das feiras de gado do Rio de Janeiro, a exportação de animais vivos apresentou, na década de 1900, um crescimento de mais de 140%. No setor agrícola, as propriedades foram, gradativamente, se recuperando da depressão causada pela adaptação ao trabalho livre, registrando-se, nessa mesma época, uma ligeira recuperação das lavouras e uma expansão industrial, com a inauguração de fábricas de manteiga e beneficiadores de café, arroz e milho (MINAS GERAIS, 1913, p. 265-268).

Na década de 1910, acompanhando essa tendência de recuperação produtiva das áreas rurais, o município de Oliveira sofreu uma espécie de surto agropecuário. Dois



processos parecem ter tido uma participação determinante nesse ensejo. O primeiro foi a crescente demanda por gêneros de alimentos e insumos para as indústrias dos dois maiores centros urbanos da região Sudeste, nomeadamente, São Paulo e Rio de Janeiro, cujas populações e atividades industriais se dinamizavam enormemente. Já o segundo tem a ver com os impactos da primeira Guerra Mundial (1914-1918) que provocaram forte retração das importações brasileiras de bens de consumo, alimentos, manufaturas e insumos industriais além de gerar novas demandas de abastecimento para os países aliados envolvidos com o conflito bélico.<sup>10</sup>

Sintomaticamente, no ano de 1920, segundo dados da Secretaria de Agricultura de Minas Gerais, a exportação de Oliveira alcançou a marca de 4.149 toneladas de charque, 1.800 toneladas de café, 750 toneladas de milho, 200 toneladas de cascas para curtumes, 175 toneladas de polvilho, 120 toneladas de arroz, 40 toneladas de manteiga, 20 toneladas de fumo, 15 toneladas de toucinho, três toneladas de feijão, além de 1.500 quilômetros de tecidos e 4.000 dúzias de ferraduras. Soma-se a essa exportação um rebanho de mais de 100 mil cabeças de gado e aves (MINAS GERAIS, 1926, v. III, p. 767).

Essa dinamização agropecuária proporcionou novas e mais ocupações para a mão de obra local. Uma vez que as áreas rurais demandavam trabalhadores para gerir plantações, rebanhos e processos de beneficiamento da produção, a remuneração do trabalho em dinheiro oportunizava, ao menos em tese, um mercado consumidor maior. Documentos censitários da época citam médias de salários pagos em diversas atividades rurais de Oliveira, o que reforça a tese de que uma parte do trabalho oportunizava ganhos financeiros (MINAS GERAIS, 1926, v. III, p. 24). Por volta de 1920, o contingente demográfico da cidade saltou para 11.876 (um crescimento de quase 200% quando comparado com o final do século 19), dos quais 60% residiam nos povoados rurais e cerca de 71% da mão de obra municipal que declarava suas profissões estava empregada na “exploração do solo” (MINAS GERAIS, 1926, v. II, p. 444).

No escopo dos processos de crescimento populacional e intensificação do trabalho remunerado, serviços urbanos precisaram aprimorar suas estruturas para atender às novas demandas. No ano final da década de 1910, já haviam 79 casas comerciais e depósitos, além de 22 negociantes ambulantes oferecendo seus serviços no município, a maioria concentrada na cidade de Oliveira, posto que ali a arrecadação do Imposto de Indústria e Profissão foi quase o dobro do segundo principal distrito contribuinte, Carmo da Mata (MINAS GERAIS, 1926, v. III, p. 810). Como resultado da expansão demográfica e

---

<sup>10</sup> Para uma discussão sobre os impactos na cadeia produtiva rural de algumas nucleações do Oeste mineiro, provocados pelo crescimento populacional da região Sudeste e pelos conflitos da Primeira Guerra Mundial, ver AMARAL, 2020.



comercial dos setores rural e urbano, as receitas do município, mesmo com o desmembramento dos distritos de Cláudio e Passa tempo, em 1911, tiveram um salto de, aproximadamente, 70% entre os anos de 1914 e 1920 (GAZETA DE MINAS, 5 de outubro de 1913, p. 2; GAZETA DE MINAS, 19 de outubro de 1919, p. 3). A título de comparação, entre 1900 e 1911, o aumento da arrecadação foi de apenas 7%.

Inteiramente em conformidade com o ideário de progresso da época, autoridades políticas, valendo-se da relativa prosperidade financeira, deflagraram várias ações para modernizar a sede municipal. Em 1920, um cronista do jornal *Gazeta de Minas* enumerou uma série de “melhoramentos de maior importância” que, segundo ele, comprovava que Oliveira havia “progredido muito”. Entre esses melhoramentos estavam: o prédio da Santa Casa com um laboratório anexado; o “belo e majestoso” edifício do Fórum; o jardim público com coreto e rинque de patinação; a empresa telefônica; as reformas da Igreja da Matriz e do Cemitério; a ampliação do serviço de eletricidade inaugurados em 1907; o pavilhão para sediar a exposição agropecuária; além da reforma ou abertura de ruas e a construção de “belos e modernos” prédios (GAZETA DE MINAS, 25 de julho de 1920, p. 1).

Não demorou para que empreendimentos para a cultura e o lazer fossem alvo, na sede de Oliveira, de iniciativas diversas por parte de empresários locais. Em 1909 tivemos, por exemplo, a inauguração do Cinema Oliveirense, cujo proprietário, o Sr. José Augusto Trindade, arrendou o prédio do Teatro Municipal, construído pelo poder público, dois anos antes. Entre 1913 e 1915, Trindade inaugurou ainda dois novos estabelecimentos, quais sejam, a casa de bilhares Salão do Ponto e o Café da Oeste. Já entre 1915 e 1919, um bar, um café, uma confeitaria, duas charutarias e até mesmo um salão para exercícios físicos seriam também inaugurados.

Diferente das recorrentes queixas de uma cidade “triste”, “monótona” e “sorumbática” veiculadas na imprensa de Oliveira no final do século 19, os novos estabelecimentos de comércio lúdico, por estarem sintonizados com uma nova e moderna escala de valores e sentimentos, passaram a receber um irrestrito apoio e comemoração da imprensa. Não é por outra razão que em 1917, um cronista anônimo da *Gazeta de Minas*, em alusão a esse aquecimento do mercado de diversões na cidade, publicou uma nota na qual dizia: “Diversões? Não tem faltado ultimamente em Oliveira; dinheiro haja, como dizia o outro” (GAZETA DE MINAS, 16 de janeiro de 1917, p. 1).

O reaparecimento do turfe em Oliveira se insere nesse contexto de modernização da estrutura física e dos lazeres urbanos, o que era financiado, em larga medida, pelos estabelecimentos de produção rural. Na primeira semana de setembro de 1915, um cronista anônimo anunciou a corrida inaugural do Hipódromo Coronel Xavier, nome que fazia referências ao capitalista, fazendeiro e presidente da Câmara Municipal de Oliveira, Manoel



Antônio Xavier. Segundo descrições da imprensa, o primeiro estádio hípico do município contava com arquibancadas “reservadas as senhoras e senhoritas belas e vistosas *toilettes*”, coreto, casa de apostas e uma filial do Bar Saxônia, representante de uma fábrica de cerveja de Barbacena, cidade há cerca de 150 quilômetros da sede municipal. A corrida de estreia foi disputada por 20 cavalos, divididos em cinco páreos, tendo o hipódromo recebido jôqueis de “renome”, tais como o argentino Rogério Primorgel, “já habituado no prado de corridas de Palermo”, e Gonçalves, “grande tirocínio no prado de Belo Horizonte” (GAZETA DE MINAS, 12 de setembro de 1915, p. 1).

No dia 26 de setembro, outra grande corrida foi organizada, sendo convidados para participarem da festa turfística os jôqueis Cristiano, de Passa Tempo, Dente de Ouro, de Carmo da Mata, e Antônio, “já celebre domador conhecido em toda Zona Oeste” (GAZETA DE MINAS, 26 de setembro de 1915, p. 1). Na imprensa, o anúncio desta corrida teve como destaque as premiações que seriam oferecidas aos páreos vencedores: primeiro prêmio, um arado, e segundo prêmio, um debulhador de milho (GAZETA DE MINAS, 19 de setembro de 1915, p. 1). A oferta destes maquinários, mais do que estimular a inscrição de fazendeiros e criadores de Oliveira e nucleações circunvizinhas, parecia ser uma tentativa dos promotores do turfe de fazer do Hipódromo Coronel Xavier um espaço voltado para congregar as principais lideranças ligadas ao setor agropecuário, no contexto de uma dinamização produtiva das áreas rurais.

Os páreos eram dedicados aos proprietários rurais de diferentes pontos do Oeste mineiro, e após as corridas, tornou-se comum o oferecimento de uma taça de champanhe para os “abastados fazendeiros” presentes nas disputas (GAZETA DE MINAS, 12 de setembro de 1915, p. 1; GAZETA DE MINAS, 3 de outubro de 1915, p. 1; GAZETA DE MINAS, 7 de novembro de 1915, p. 1). Essas menções fomentavam uma participação mais ativa dos empresários do ramo agropastoril, proporcionando, por consequência, boas possibilidades para fechar parcerias comerciais. Não sem razão, alguns agentes que compunham a diretoria do clube de corridas eram membros ou fundadores da Cooperativa Agrícola Oeste de Minas e da Cooperativa Pastoril Oeste de Minas, que intermediavam a venda de gêneros agropecuários para grandes centros do Brasil e da Europa.<sup>11</sup> Nesses termos, com a oferta de maquinários agrícolas nas premiações dos páreos, e com a

---

<sup>11</sup> A Cooperativa Agrícola Oeste de Minas foi fundada em 1911, tendo sua agência edificada no centro cidade de Oliveira. Nessa época já podia contar com mais de 70 produtores associados, beneficiadores de café e arroz nas imediações das estações ferroviárias de Oliveira, Carmo da Mata e Bom Sucesso, além de um grande galpão, na sede municipal, de estocagem da produção dos fazendeiros. Já a Cooperativa Pastoril Oeste de Minas foi fundada em março de 1914, possuindo 37 associados, uma agência no Rio de Janeiro e um escritório instalado na Rua Direita, cidade de Oliveira. Para uma síntese sobre as cooperativas fundadas no município de Oliveira no início da década de 1910, ver AMARAL, 2020, p. 84-86.



oportunidade de alinhar redes de interesses comerciais entre os produtores rurais, o Hipódromo Coronel Xavier assumiu uma posição relativamente importante de fomento do agronegócio na Zona Oeste do estado.

No final do mês de outubro, após a organização de três corridas que foram descritas na imprensa como “muito concorridas”, um forte temporal que atingiu a cidade de Oliveira destruiu as arquibancadas do hipódromo, além de ter provocado fortes estragos na casa de apostas e no Bar Saxônia (GAZETA DE MINAS, 24 de outubro de 1915, p. 1). Os prejuízos parecem ter arrefecido a capacidade financeira dos investidores de promoverem a reconstrução do estádio turfístico. No mês de novembro, apenas duas novas corridas com os páreos reduzidos foram realizadas, em meio, segundo foi noticiado, às “ruínas” do hipódromo (GAZETA DE MINAS, 7 de novembro de 1915, p. 1; GAZETA DE MINAS, 21 de novembro de 1915, p. 1).

Nos três meses que seguiram a última corrida, isto é, entre dezembro de 1915 e fevereiro de 1916, a imprensa de Oliveira não publicou nenhuma notícia envolvendo corridas no hipódromo, o que sugere que a diretoria do clube de corridas interrompeu suas atividades. Apenas no início de março, a imprensa de Oliveira anunciaria uma nova corrida no Hipódromo Coronel Xavier, que permanecia sem qualquer tipo de reparo, razão pela qual um cronista atribuiu a queda do número de apostadores (GAZETA DE MINAS, 12 de março de 1916, p. 1). Na soma dos meses de maio, junho e julho, com o Hipódromo Coronel Xavier ainda sem receber reparos, apenas dois registros de corridas foram publicados na imprensa local, sendo o último datado de 9 de julho (GAZETA DE MINAS, 25 de junho de 1916, p. 2; GAZETA DE MINAS, 9 de julho de 1916, p. 1).

A dissolução do turfe ocorreu no momento em que os sócios do *Oliveira Sport Club*, agremiação futebolística fundada em abril de 1916, iniciaram os trabalhos de “nivelamento, terraplanagem e recuperação das arquibancadas do Prado Coronel Xavier” (GAZETA DE MINAS, 7 de maio de 1916, p. 1). É possível conjecturar para uma relação explícita entre a paralização dos páreos e a transformação do hipódromo em um estádio de futebol. Conjuntamente com os primeiros ensaios do *Oliveira Sport Club*, a imprensa oliveirense, no contexto do processo modernizador que ganhava contornos mais nítidos no centro urbano, iniciou uma verdadeira campanha publicitária em favor dos “esportes ginásticos”, cujas bases discursivas eram ancoradas nos supostos benefícios “físicos, higiênicos, estéticos, morais e intelectuais” que advinham da sua fruição (GAZETA DE MINAS, 2 de abril de 1916, p. 1; GAZETA DE MINAS, 18 de fevereiro de 1917, p. 1). Conforme foi observado pelo historiador Edivaldo Júnior (2013), no projeto de modernidade que se difundia pelo território brasileiro na transição dos séculos 19 e 20, as cidades deveriam ser higienizadas com



bulevares, praças, áreas verdes, prédio amplos e arejados, bem como seus habitantes com corpos limpos e saudáveis.

É no contexto de gradual alinhamento do campo esportivo oliveirense com os preceitos da saúde, da regeneração e do vigor físico, e dos prejuízos financeiros causados pelos estragos sofridos pelo Hipódromo Coronel Xavier, que os páreos turfísticos, onde as principais referências eram os cavalos e seus proprietários, cederam lugar para diversas outras modalidades esportivas em que o corpo era protagonista, a exemplo do futebol, da patinação, do tênis, do basquete, da peteca, da luta romana e do *raid* pedestre (GAZETA DE MINAS, 17 de setembro de 1916, p. 1; GAZETA DE MINAS, 22 de outubro de 1916, p. 1; GAZETA DE MINAS, 15 de abril de 1917, p. 1; GAZETA DE MINAS, 21 de outubro de 1917, p. 1; GAZETA DE MINAS, 22 de setembro de 1918, p. 1; GAZETA DE MINAS, 6 de junho de 1920, p. 2). Alimentado por um processo de crescimento econômico das áreas rurais e dinamização da vida urbana, os esportes ginásticos, após a dissolução do turfe, aparecem em propagandas de jornais, como uma porta aberta para a constituição de um novo homem, corporificando uma “necessidade inadiável” de abraçar, nas palavras de um cronista anônimo, “as indicações dos higienistas” (GAZETA DE MINAS, 29 de abril de 1917, p. 2).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das fontes primárias arroladas neste artigo, nos permite constatar que o turfe foi introduzido na cidade de Oliveira, em maio de 1898, por iniciativa do capitalista carioca José Barbosa de Miranda, que fundou, neste ano, o *Jockey Club Oliveirense*. Os primeiros eventos turfísticos ocorreram de forma improvisada, no Largo do Cruzeiro, aparentemente com o interesse maior na venda de bilhetes de apostas. Neste momento, em que pese a euforia inicial dos primeiros páreos, diante de uma estrutura cidadina tímida, uma economia pouco monetizada e uma retração produtiva dos setores rurais, em razão do fim da escravidão e da diminuição das importações de gado pelo Rio de Janeiro, uma onda de falências acometeu diversos estabelecimentos de comércio da sede oliveirense. O *Jockey Club Oliveirense* parece ter sido acometido por este cenário econômico adverso, findando suas atividades com menos de dois meses de funcionamento, período em que foram promovidas pelo menos seis corridas.

Em setembro de 1915, tivemos uma nova iniciativa empresarial voltada para a estruturação de um comércio de corridas de cavalo em Oliveira. Dessa vez, o cenário econômico era bem mais favorável, visto que o município sofria uma espécie de surto produtivo do setor agropecuário, favorecidos por demandas nacionais e internacionais provocadas, entre outras coisas, pelos conflitos da Primeira Guerra Mundial. Tal surto se



desdobrou no crescimento populacional e da mão de obra assalariada, maior estruturação da sede urbana e aquecimento de um mercado das diversões. É neste contexto que o médico Alexandre Justiniano Chagas, auxiliado por investidores ligados aos setores rurais da cidade de Oliveira e dos distritos de Carmo da Mata e São Francisco de Paula, edificaram o Hipódromo Coronel Xavier, com arquibancadas, casa de apostas e um bar. As primeiras contaram com a participação de jôqueis de “renome”, por exemplo, o argentino Rogério Primorgel.

Mais do que os interesses de lucro que giravam ao redor do comércio turfístico, o espaço do hipódromo passou a servir também como rede de sociabilidades para alinhar contatos, e fomentar os mecanismos de produção rural de Oliveira e lugares adjacentes, seja oferecendo maquinários agrícolas nas premiações, ou, ainda, reunindo e estimulando a participação de fazendeiros e sócios de cooperativas agrícolas e pastoris.

Após três meses de corridas, um forte temporal provocou graves estragos no hipódromo, desarticulando as movimentações em prol de uma melhor estruturação deste ramo de comércio na cidade. Em meados de 1916, mais detalhadamente, no dia 9 de julho, a imprensa de Oliveira registrou o último evento turfístico nas “ruínas” do Hipódromo Coronel Xavier.

O desaparecimento do turfe ocorreu simultaneamente à consolidação de um processo de novas concepções do uso do corpo, cujas matérias de jornais passaram a valorizar, cada vez de forma mais explícita, a prática de esportes e exercícios corporais. É no contexto da relativa importância simbólica atribuída aos esportes corporais, o que era reforçado por campanhas publicitárias que propagavam o discurso higienista que via, nas diferentes modalidades atléticas, um caminho certo para ajustar os corpos aos novos requisitos do físico, higiene e modelagem dos corpos, que o turfe encerrou suas atividades. O Hipódromo Coronel Xavier foi transformado em um campo de futebol e passou a receber treinos e jogos locais e intermunicipais do *Oliveira Sport Club*, movimento que reforça o novo espectro de interesses esportivos dos oliveirenses.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. História do futebol em Divinópolis – MG: cavalheirismo e integração regional (1916-1930). **Revista Fulia**, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 90-111, maio/ago. 2017.
- AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. **Lazer, mercado do entretenimento e circuitos futebolísticos nos sertões de Minas Gerais, 1888-1925**. Tese (Doutorado em Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.



AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; COUTO, Euclides de Freitas. O futebol no Oeste de Minas: os encontros intermunicipais e os sentidos das práticas esportivas em Oliveira (1916-1925). **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 105-124, maio/ago. 2019.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1920. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 237-261, jul./dez. 2017.

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Folganças populares: festejos de entrudo em Minas Gerais no século XIX**. São Paulo: Annablume, 2008.

BATISTA, Felipe Alvarenga; BARBOSA, Lidiany Silva; GODOY, Marcelo Magalhães. Transportes, modernização e formação regional – subsídios a história da era ferroviária em Minas Gerais, 1870-1940. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 17, n. 1, p. 162-203, 2012.

CORRÊA, Joyce Nanci da Silva. Sports na terra dos rincões: Acre 1909-1922. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 4, n. 3, p. 24-45, set./dez. 2017.

CUNHA, Alexandre. Mendes. O urbano e o rural em Minas Gerais entre os séculos XVIII e XIX. **Cadernos da Escola do Legislativo**, Belo Horizonte, v.11, n. 16, p. 57-70, jan./jun. 2009.

DIAS, Cleber, *et al.* Esportes nos sertões das Gerais. In: DIAS, Cleber; ROSA, Maria Cristina (Org.). **Histórias do lazer nas Gerais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2020.

DIAS, Cleber, *et al.* História do futebol em Minas Gerais. **Tempos Gerais**, São João del-Rei, v. 3, n. 2, p. 67-86, jul./dez. 2014.

DIAS, Cleber. Mercantilização do lazer no Brasil. **Licere**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 364-403, 2018.

GAMBETA, Wilson. **A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol, 1895-1916**. São Paulo: SESI-SP editora, 2015.

HORTA, Regina Duarte. **Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2018.

JÚNIOR, Edivaldo Gois. O esporte a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 95-117, out./dez. 2013.

KANITZ, Roberto Camargos Malcher. **Vila Nova Athletic Club: história do futebol operário em Minas Gerais**. Tese (Doutorado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LIMA, Alex Witney. Trilhas históricas do foot-ball em São João del-Rei: os clubes, as ligas e os campeonatos (1909-1921). **Tempos Gerais**, São João del-Rei, v.3, n. 2, p. 105-122, jul./dez. 2014.

MARTINS, William de Souza Nunes. **Paschoal Segreto: “ministro das diversões” do Rio de Janeiro (1883-1920)**. Rio de Janeiro: Autografia, 2014.



MELO, Victor de Andrade. **Cidade sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

MORORÓ, Anderson de Carvalho. **O futebol em Juiz de Fora**: uma perspectiva através da imprensa (1904-1914). Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

NETO, Georgino Jorge de Souza. **Do Prado ao Mineirão**: a história dos estádios na capital inventada. Tese (Doutorado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

PERES, Léa Freitas (Coor.); BELONE, Ana Paula Lessa; MARTINS, Marcos da Costa; GOMES, Rafael Barros (Org.). **Festas e viajantes em Minas Gerais no século XIX**: compêndio de citações. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal**: Os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **A constituição e o enraizamento do esporte na cidade**: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SILVA, Igor Maciel da. **Elas se divertem (Barbacena – MG, 1914 a 1931)**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, Luciano Pereira da. O foot-ball e o início da diversão esportivizada em Montes Claros – MG. **Licere**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 1-30, mar. 2013.

SILVA, Marcelo M. “Comportamentos urbanos e esportes: contribuições para a esportivização do turfe e da pelota basca em Curitiba (1889-1905)”. **Licere**. Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 86-115, set. 2015.

SOUZA, Elisa Salgado. **Esportes em Manaus, 1880-1910**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

## FONTES

**ESTADO DE MINAS**, Ouro Preto, 5 de dezembro de 1894, p. 4.

**GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 1 de janeiro de 1899, p. 1.

**GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 12 de março de 1916, p. 1.

**GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 12 de setembro de 1915, p. 1.

**GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 13 de janeiro de 1901, p. 1.

**GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 14 de outubro de 1900, p. 1.



- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 15 de abril de 1917, p. 1.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 16 de janeiro de 1917, p. 1.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 17 de setembro de 1916, p. 1.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 18 de fevereiro de 1917, p. 1.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 19 de outubro de 1919, p. 3.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 19 de setembro de 1915, p. 1.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 2 de abril de 1916, p. 1.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 21 de maio de 1916, p. 1.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 21 de novembro de 1915, p. 1.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 21 de outubro de 1917, p. 1.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 22 de outubro de 1916, p. 1.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 22 de setembro de 1918, p. 1.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 24 de outubro de 1915, p. 1.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 25 de julho de 1920, p. 1.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 25 de junho de 1916, p. 2.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 26 de setembro de 1915, p. 1.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 29 de janeiro de 1899, p. 2.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 3 de outubro de 1915, p. 1.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 5 de outubro de 1913, p. 2.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 6 de junho de 1920, p. 2.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 7 de maio de 1916, p. 1.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 7 de novembro de 1915, p. 1.
- GAZETA DE MINAS**, Oliveira, 9 de julho de 1916, p. 1.
- GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 10 de fevereiro de 1889, p. 2.
- GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 11 de fevereiro de 1894, p. 1.
- GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 11 de março de 1888, p. 1.
- GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 12 de junho de 1898, p. 1.
- GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 15 de maio de 1898, p. 1.



**GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 15 de maio de 1898, p. 4.

**GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 16 de abril de 1893, p. 4.

**GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 17 de abril de 1898, p. 1.

**GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 19 de outubro de 1890, p. 1.

**GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 2 de novembro de 1890, p. 1.

**GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 20 de janeiro de 1895, p. 3.

**GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 22 de julho de 1893, p. 4.

**GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 22 de novembro de 1896, p. 2.

**GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 24 de abril de 1898, p. 1.

**GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 24 de junho de 1888, p. 1.

**GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 28 de outubro de 1894, p. 4.

**GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 29 de maio de 1898, p. 1.

**GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 5 de agosto de 1894, p. 3.

**GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 5 de fevereiro de 1888, p. 1.

**GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 5 de maio de 1895, p. 3.

**GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 6 de janeiro de 1889, p. 2.

**GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 7 de agosto de 1898, p. 1.

**GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 8 de maio de 1892, p. 1.

**GAZETA DE OLIVEIRA**, Oliveira, 8 de outubro de 1893, p. 1.

**GAZETA DE OURO FINO**, Ouro Fino, 9 de setembro de 1894, p. 2.

**GAZETA DE QUELUZ**, Queluz de Minas, 22 de agosto de 1909, p. 1.

MINAS GERAIS. Secretaria de Agricultura. Serviço de Estatística Geral. **Anuário estatístico**: ano 1 (1921), v. II, III, V, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.

MINAS GERAIS. **Serviço de Inspeção e Defesa Agrícola do Estado de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Tipografia do Serviço de estatística, 1913.

**O CONTEMPORÂNEO**, Sabará, 24 de agosto de 1890, p. 3.

**O PHAROL**, Juiz de Fora, 17 de julho de 1892, p. 1.

**O TRABALHO**, Patos de Minas, 12 de maio de 1907, p. 3.